



Escritor e presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ). Alguns dos seus títulos foram selecionados para os programas de compras governamentais.

alexandrecastrógomes.blogspot.com.br



*A bola ou a menina?*  
Alexandre de Castro Gomes  
il. Sergio Magno  
Editora Melhoramentos



*Folclore de chuteiras*  
Alexandre de Castro Gomes  
il. Visca  
Editora Peirópolis



*História a quatro patas*  
Alexandre de Castro Gomes  
il. Jótah  
Editora FTD



*O menino que colecionava guarda-chuvas*  
Alexandre de Castro Gomes  
il. Bruna Assis  
Editora Globo

## Alexandre de Castro Gomes

Quando criança, você criava histórias com seu irmão para animar as brincadeiras. Estudou em escolas americanas e sempre teve acesso à literatura. Quando surgiu sua paixão pelos livros e pela leitura? Eu acredito que toda criança cria histórias em suas brincadeiras. Seja a final intergaláctica da corrida de carrinhos de ferro ou o passeio da boneca. Há sempre uma narrativa na cabeça de quem brinca. O que digo nas palestras é que ainda não parei de brincar e de criar histórias. A diferença é que a brincadeira ficou mais séria e disciplinada.

Gosto de ler desde pequeno. Apesar da biblioteca volumosa em casa, não tínhamos tantos livros infantojuvenis, por isso reli os meus um monte de vezes. O mesmo acontecia com as histórias da Coleção Disquinho. Mas a paixão pela leitura ficou explícita na descoberta de três coleções literárias. A primeira foi Asterix. A segunda foram os livros de banguê-banguê do meu pai. Ele devia ter uns cinquenta, todos comprados em bancas de jornal. A terceira foi a coleção da Turma do Posto Quatro, do Helio do Soveral, publicada pela Ediouro.

Você fez Direito, exerceu a profissão, e só nos últimos oito anos passou a se dedicar à carreira de escritor. O que despertou em você a vontade de trabalhar com literatura infantil e juvenil? Foi uma combinação de acontecimentos. Uma vez fiz um senhor de quase oitenta anos chorar. Eu trabalhava no setor jurídico de uma seguradora e precisava cobrar uma dívida. Fiquei arrasado. Larguei o Direito pouco depois. Antes disso conheci a Cris Alhadeff, que tinha se formado em Desenho Industrial, e resolvemos que um dia trabalharíamos juntos. Eu escrevia desde sempre, e ela tinha um traço lindo. Uma entrevista na TV com a Mary e o Eliardo França provocou meus primeiros textos infantis. Um livro publicado por um amigo fez crescer a vontade. A chegada dos nossos filhos nos fez tentar. Deu certo.

Assim como você, o escritor Manoel de Barros também fez direito antes de se tornar escritor. É dele a frase: "Um livro para criança não deve ser escrito para criança". Você usa diferentes estratégias de leitura nos seus livros, seja contando uma história de trás para frente, pulando páginas etc. Você acredita que essas provocações podem atrair ou conquistar novos leitores? Imagino que atraíam novos leitores, mas acredita que eu não penso nisso? Escrever é contar histórias, e eu gosto de contar as minhas de formas diferentes. Tento me surpreender a cada obra. Experimentar. Trabalhar diversas narrativas. Na literatura infantil e juvenil, a criatividade é fundamental para fazer a mágica acontecer. Sem ela, o livro não seduz. Claro que essa criatividade não está só na narrativa, mas também na história, nos personagens, na trama.

Eu entendo aonde Manoel de Barros quis chegar, mas discordo da frase. Um livro para crianças deve ser bem escrito para crianças. Tem que haver uma trama interessante. Tem que haver ganchos e surpresas. Devem ser evitadas as lições explícitas e os diminutivos desnecessários.

A criança está entre os leitores mais exigentes. Recentemente ouvi do professor de literatura infantil da Universidade de Cardiff, Peter Hunt, que "o livro julga o leitor na literatura adulta. 'Não gosta de Shakespeare? É um ignorante!'. Na literatura infantil é o leitor que julga o livro."

Não os conquistaremos com livrinhos para criancinhas e sim com bons livros de literatura infantil. Existe uma diferença enorme entre uma coisa e outra.

Você tem uma oficina para crianças com o tema "Quero ser autor" e criou o site "Era uma vez" para autores iniciantes. Você acredita que aproximar o leitor do autor incentiva o hábito da leitura? Acredito. Se essa aproximação for agradável. O autor pode compartilhar experiências do ofício. Conversar sobre leituras. Mostrar que tem interesses em comum e que sua vida não é tão

diferente da dos leitores. "Sou um cara bacana, parecido com vocês, e gosto muito de ler. Adorei Harry Potter, torço pelo Flamengo e sou fã dos Simpsons." Por outro lado, não adianta colocar trezentas crianças em um auditório para ouvir um autor tímido ler um trecho de um livro cujo tema não seja interessante para eles.

Você trabalha ainda com criação de sites para empresas. De que maneira as novas tecnologias podem formar leitores? Trabalhei com a criação de sites para empresas e artistas do meio musical por mais de dez anos. Hoje ainda mexo com uma coisa ou outra, mas é raro. Minha energia está focada em escrever, dar palestras, oficinas literárias e administrar a AEILIJ (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil), da qual sou presidente.

Essa questão da tecnologia com a leitura é ainda um dilema. Boa parte dos americanos adultos já utiliza leitores digitais, embora a literatura infantil digital ainda não tenha uma venda significativa. No entanto, não podemos esquecer que as crianças de hoje ganham seus tablets cada vez mais cedo. Estão crescendo de olho nas telinhas. Não duvido que daqui a uma ou duas gerações a leitura em tela será bem mais comum do que imaginamos.

A tecnologia pode ser uma ferramenta na formação de leitores mas, sem uma política pública de incentivo à leitura que respeite os direitos dos autores, não valerá de nada.

Alexandre de Castro Gomes recebeu

## A árvore de Tamoromu



A cutia, o macaco e a onça

Uma fábula

A Árvore de Tamoromu se destacava das outras árvores da mata dos Wapixana. Ela não era muito alta e sua folhagem tinha a mesma cor que a de tantas outras ao seu redor. O que a diferenciava eram os abundantes galhos que nasciam do seu tronco. Galhos robustos, carregados de alimentos dos mais variados. De um tombavam cajus. De outro transbordavam cachos de bananas. De um terceiro brotavam melancias. E não só isso. Havia galhos com feijão, milho, arroz, abóbora, inhame, amendoim e mais muita comida gostosa.

O faro aguçado de uma cutia a levou até o banquete e, desde então, todos os dias ela se alimentava do que caía no chão.

Certa manhã, ao chegar para o desjejum, percebeu o terreno limpo ao redor da árvore. De baixo vislumbrou os galhos carregados de delícias.

– O que quer aqui? É tudo meu! Tudo meu! – um macaco zangado berrou com a pequena cutia, de um galho grosso encoberto pelas folhas.

– Oi, senhor Macaco. Vim de longe e estou com fome. Sou magra e miúda. Por um punhado de milho, já me dou por satisfeita.

– Escolhi essa árvore como residência e aqui morarei de agora em diante. Minha família é numerosa e já distribuí os convites. Preciso de tudo para as visitas. Vai embora! É tudo meu! Tudo meu!

A cutia retirou-se desolada e seguiu seu caminho. Mais adiante foi surpreendida por uma onça, que surgiu de lugar nenhum.

– É hoje que como carne! Venha para minha boca, dona Cutia.

– Não faça isso! Sou magra e miúda. Não valho o esforço de uma dentada. Mas se me seguir, mostrarei uma árvore mágica, com galhos cobertos de alimentos de todos os tipos. Tem castanha do Pará, pitanga, jabuticaba, mandioca, cacau...

– E eu tenho cara de vegetariana? Eu gosto é de carne, entendeu? Carne! – Mostrou os dentes afiados.

– Calma! A senhora não deixou eu terminar. É uma árvore tão maravilhosa que tem até galho que dá macaco. Eu vi um madurinho ainda há pouco. E sei que em breve chegarão mais.

Em pouco tempo, tropeçavam nas raízes da Árvore de Tamoromu.

– Quem vem lá? Vai embora! É tudo meu! Tudo meu! – vociferou o macaco.

E a onça o comeu.

Bronca da história: seja generoso, compartilhe e trate com respeito até quem não merece.